



TEATRO

Afinal, Portugal tem dramaturgos

Jaime Rocha e Mário de Carvalho receberam, ontem, no Teatro de D. Maria II, o Grande Prémio de Teatro da APE relativo a 1998 e a 1999

CRISTINA MARGATO
ELISABETE FRANÇA

O facto foi mencionado por todos, mas começou por ser chamado à «cena» por Fernando Dacosta. O escritor, interpelado a discursar na entrega do Grande Prémio de Teatro da Associação Portuguesa de Escritores (APE)/Ministério da Cultura, realizada, ontem, no Teatro D. Maria II, quis negar a ideia de que «não somos dados à dramaturgia», apesar «da democracia nada ter feito para mostrar que isso é falso».

A abrir a sessão, presidida pelo ministro da Cultura, José Sasportes, que premiou Jaime Rocha, relativamente a 1998, e Mário de Carvalho, quanto a 99, também José Manuel Mendes, presidente da APE, realçara que, tendo o Grande Prémio de Teatro surgido envolto nessa dúvida, «volvidos anos», o número de exemplares a concurso aumentou.

Fernando Dacosta, que falou em nome do júri responsável pela atribuição do prémio de 1998 a Jaime Rocha, autor de *O Terceiro Andar*, disse que o texto eleito é uma das provas de que «somos grandes na escrita». Acrescentou que, «peça de pequenas grandes coisas, *O Terceiro Andar* é uma metáfora sobre o nosso País». Helena Serôdio, sublinhando o

número de textos a concurso, em 1999 (35), disse que o conjunto ficou pontuado pela diversidade. A peça eleita, *Se perguntarem por mim não estou*, de Mário de Carvalho, encenada por José Peixoto no Teatro Malaposta, em 1999, também foi considerada pela crítica e professora de estudos teatrais na Faculdade de Letras de Lisboa, que representou o júri na cerimónia da entrega de prémios, como uma reflexão crítica sobre a socie-

Para Sasportes, teatros nacionais devem fazer peças portuguesas, mas depende das direcções e suas sensibilidades

dade. Note-se que a escrita de *Se perguntarem por mim não estou* foi carpinteirada pelo autor em interacção com a produção do espectáculo, experiência diversa da que já ali tivera com *Haja Harmonia*.

Os escritores precisam de ser incentivados e, ao contrário do que alguns defendem, não devem ir para casa lavar pratos, sublinhou Mário de Carvalho na cerimónia. Alusão a um texto vindo a público, impregnada da peculiar ironia do recordista dos grandes prémios da APE: o de conto, para *Quatrocentos Mil Sestércios*, segui-

do de *O Conde Jano* e o de romance para *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde*, antes deste.

Jaime Rocha (pseudónimo do jornalista do *Público* Rui Ferreira e Sousa, enquanto poeta, dramaturgo e ficcionista), que afirma «escrever pelo prazer de encenar com as palavras», ainda não viu *Terceiro Andar* em palco. A peça está editada pela Sociedade Portuguesa de Autores, ao lado de outros textos dramaturgicos: *O Construtor* e *Quinze Minutos de Glória*. Agora Jaime Rocha encontra-se a escrever uma peça que a companhia Trigo Limpo, de Tondela, vai produzir.

O ministro da Cultura mencionou «a situação complicada» do Teatro D. Maria II, mas no final escusou-se a avançar aos jornalistas soluções para os palcos nacionais. José Sasportes dizia estar «em negociações», contando anunciar o nome do secretário de Estado «nos próximos dias»: eram 19 horas e, pouco depois das 20, era revelada a nomeação de João Alexandre Nascimento Baptista (ver última página). Sobre a encenação de textos portugueses pelos teatros nacionais, José Sasportes diz que essa será uma das obrigações de um director de teatro nacional, se bem que isso «depende da sensibilidade» da pessoa escolhida.